



PODER

Presidente diz que consumidores deveriam deixar de comprar produtos mais caros, como forma de pressão para a redução dos preços. Declaração provoca enxurrada de críticas de parlamentares contrários ao governo. Especialistas também reprovam fala

LULA SUGERE BOICOTE A alimentos; oposição ataca

» MAYARA SOUTO
» VICTOR CORREIA

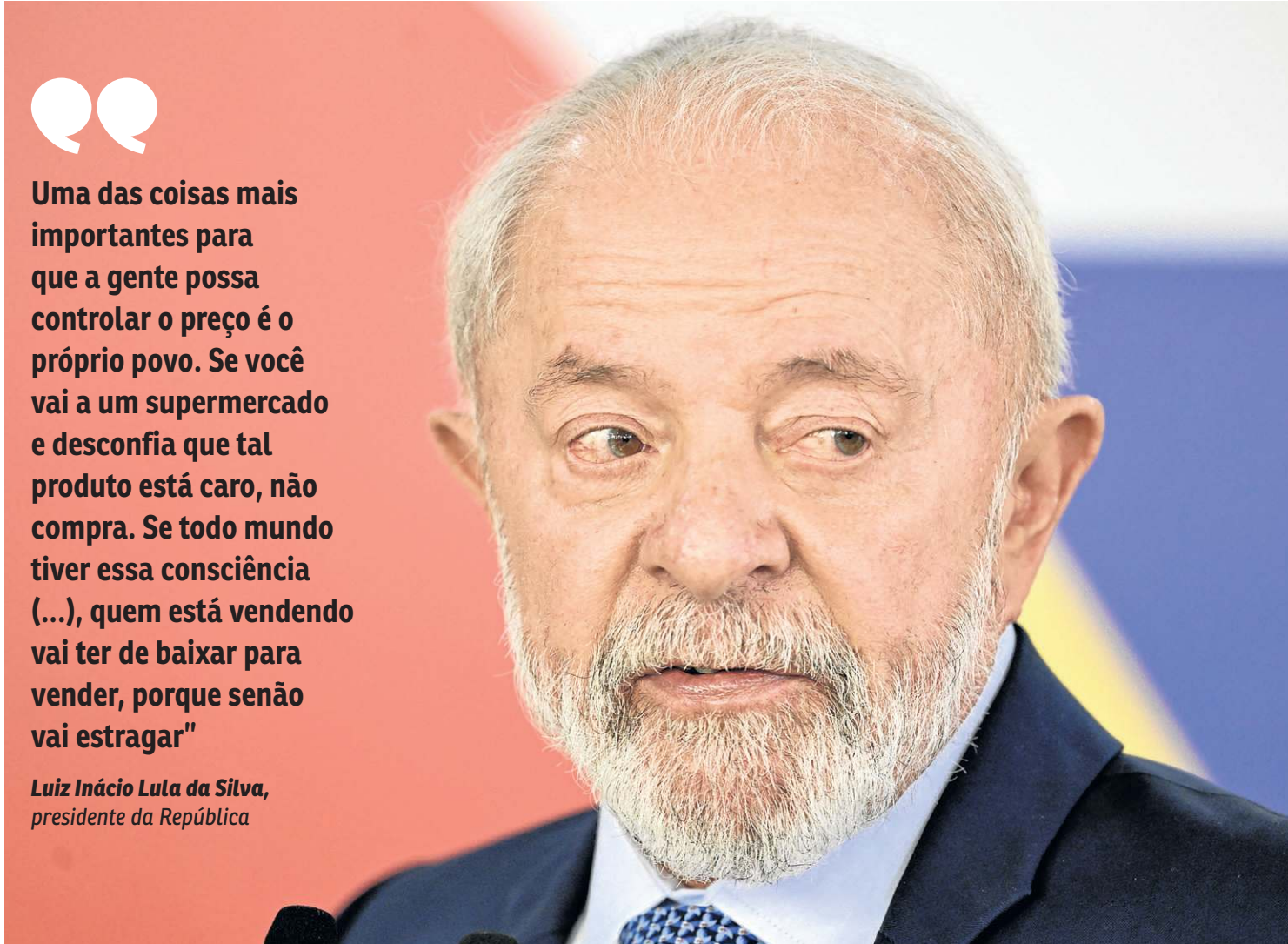
Governo e oposição entraram em novo embate público, ontem, após uma declaração do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre o preço dos alimentos. O chefe do Executivo pregou que a população deixe de comprar produtos que estejam muito caros. A alta generalizada, no entanto, atinge itens essenciais, como carnes, frutas, arroz e leite. A inflação dos alimentos provoca **temor no governo**, que estuda formas de incentivar a produção, mas não sinaliza medidas de curto prazo.

"Uma das coisas mais importantes para que a gente possa controlar o preço é o próprio povo. Se você vai a um supermercado e desconfia que tal produto está caro, não compra. Se todo mundo tiver essa consciência e não comprar aquilo que acha que está caro, quem está vendendo vai ter de baixar para vender, porque senão vai estragar", ressaltou Lula, em entrevista a rádios da Bahia, ontem. "Esse é um processo que a gente não precisa falar, porque isso é da sabedoria do ser humano", acrescentou.

Segundo dados da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), a cesta básica ficou 14,22% mais cara ao longo do ano passado. O grupo é composto por itens considerados essenciais para a alimentação das famílias. O café torrado, por exemplo, subiu 39,6%. O óleo de soja, 29,22%; o leite longa vida, 18,83%; e o arroz, 8,24%. A elevação é atribuída, principalmente, aos eventos climáticos extremos que afetaram o país no fim de 2023 e início de 2024, prejudicando a safra.

Lula também atribuiu a alta dos alimentos à desvalorização do real frente ao dólar, e culpou a gestão de Roberto Campos Neto no Banco Central. "Tivemos um aumento do dólar, porque nós tivemos um Banco Central totalmente irresponsável, que deixou uma arapuca que a gente não pode desmontar de uma hora para outra", destacou. "Eu disse outro dia que a gente não pode dar um cavalo de pau em um navio do tamanho do Brasil. É preciso que a gente tenha juízo, faça as

Evaristo Sa/AFP



Uma das coisas mais importantes para que a gente possa controlar o preço é o próprio povo. Se você vai a um supermercado e desconfia que tal produto está caro, não compra. Se todo mundo tiver essa consciência (...), quem está vendendo vai ter de baixar para vender, porque senão vai estragar"

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

Popularidade

A alta de preços dos alimentos já pesa na popularidade de Lula, que só tem caído, segundo pesquisas recentes. No levantamento feito pela Quaest, na semana passada, oito em cada 10 entrevistados disseram ter percebido aumentos de valores no último mês.

coisas com cuidado, porque um cavalo de pau num mar revoltado, a gente pode tombar o navio."

O chefe do Executivo reiterou que fará reuniões com os setores produtivos e industriais e com ministros para buscar soluções para a situação. De acordo com ele, encontros com produtores de carne e de arroz já estão marcados para a próxima semana.

Reações

Em resposta à declaração do presidente, parlamentares de oposição dispararam contra o governo. "Lula agora quer culpar os empresários e jogar a responsabilidade para o povo de baixar o preço dos produtos. Então, para que serve o governo?", questionou o deputado federal Gustavo Gayer (PL-GO), em vídeo publicado nas redes sociais. "Se tudo está mais caro, a solução é simplesmente você não gastar o seu dinheiro", acrescentou.

Já o senador Sergio Moro (União-PR) ironizou: "Segundo Lula, basta a população não comprar produto caro que a inflação será reduzida! Sinal de que o governo perdeu o controle e não sabe o que fazer mais. A promessa de campanha não era de picanha e cerveja barata para todo mundo?".

A senadora Damares Alves

(Republicanos-DF) também reagiu: "Quem não se indignar com mais essa fala absurda precisa urgentemente de tratamento".

Em contrapartida, aliados do Planalto saíram em defesa de Lula. Segundo o líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE), a gestão está focada em "manter a inflação baixa" e reduzir o preço dos alimentos na mesa. "Com diálogo e ação, a prioridade é reduzir o preço da carne e de outros produtos essenciais da cesta básica. Lula reafirma: comida boa e barata na mesa de todos", disse o deputado.

O senador Humberto Costa (PT-SP) citou que há aumento real do salário mínimo e crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) acima do esperado, para ilustrar que a economia está indo bem. "Quem trabalha pelo Brasil entrega bons resultados. Golpista preguiçoso só vive de caos e

bravata", sustentou.

Não é a primeira vez que falas do governo sobre o assunto provocam controvérsia. Duas semanas atrás, o ministro da Casa Civil, Rui Costa, anunciou que a gestão federal vai reduzir a alíquota de importação de itens que estiverem mais baratos no exterior do que em solo nacional. "Em alguns casos, o preço internacional está tão caro quanto aqui. O que se pode fazer? Mudar a fruta que a gente vai consumir. Em vez da laranja, outra fruta. Não adianta baixar a alíquota, porque não tem produto lá fora para colocar aqui dentro", disse, na ocasião.

Em outubro, o ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho, mencionou que a regra da oferta e da demanda é que regula os preços. "Isso é um processo para a sociedade, inclusive, refletir. Muitas vezes, a imprensa diz

'olha, tal coisa está cara, substitui por outra'. Alface está cara? Substitui por chicória, para citar um exemplo", afirmou.

Especialistas criticam

Especialistas ouvidos pelo **Correio** avaliaram como negativa a fala do presidente. Para Leandro Consentino, cientista político do Insper, a declaração foi "extremamente problemática", pois "terceiriza a responsabilidade da escalada inflacionária para o próprio consumidor, e não para o governo". A menção ao Banco Central também seria uma forma de "responsabilizar" um terceiro, segundo Consentino.

André Braz, economista da FGV e especialista em inflação, pontuou que o aumento no preço dos alimentos não é de agora, e que, entre 2020 e 2024, a inflação desses produtos subiu cerca de 55%, e a inflação média, 30%. A solução, de acordo com ele, está a longo prazo, com investimento em silos para guardar alimentos fora de safra e nos transportes fluvial e ferroviário.

"O conselho que ele deu não é descabido. Trocar alimentos caros por baratos é uma substituição que o consumidor faz naturalmente. Mas a gente espera um comprometimento maior do governo", frisou. "Não que a gente espere a solução do problema, porque não se resolve isso da noite para o dia, mas é possível criar um conjunto de políticas que, gradualmente, consiga nos blindar e nos proteger mais", opinou.

Para o professor de ciência política da UDF André Rosa, apesar de a fala fazer sentido do ponto de vista econômico — com a oferta e a demanda afetando o preço dos produtos —, foi "um prato cheio" para a oposição. Sinaliza uma fragilidade, ao não apresentar soluções, conforme avaliou. "Do ponto de vista da comunicação, de como a opinião pública recebe esse tipo de informação, passa um cheque de descontrole do governo, da própria incompetência do governo federal de conseguir gerir a questão da inflação, que é o que tem corroído muito o poder de compra do brasileiro", destacou.

Em evento no Rio, críticas a Castro

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou a ausência do governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL-RJ), na reinauguração do Hospital Federal de Bonsucesso, na capital carioca. No evento, estava presente o prefeito do Rio e aliado do petista, Eduardo Paes (PSD-RJ).

"O governador foi convidado e não veio, mas ele foi convidado. Não quero saber de que partido é o governador, de que religião ele é, qual time que ele torce, eu quero saber que, bem ou mal, ele foi eleito pelo povo", afirmou. "Ele foi convidado, como todos os governadores que eu convidei, até aqueles que, de forma irresponsável, fazem crítica ao meu governo. Ele poderia vir aqui e fazer discurso de como o estado vai cuidar da questão da saúde."

Castro, aliado do ex-presidente Jair Bolsonaro, não costuma comparecer aos eventos em que Lula está. Na agenda do governador carioca, ontem,

constavam "despachos internos" e nenhum compromisso fora do Palácio Guanabara.

Paes, por sua vez, elogiou a atuação da gestão Lula na reestruturação dos hospitais federais do estado e comemorou a repaginada na unidade de Bonsucesso. "Essa emergência está fechada desde 2020. Nós estamos, aqui, comemorando a abertura dessa emergência e de três emergências federais no Rio de Janeiro — nos hospitais Andaraí, Cardoso Fontes e, aqui, no Bonsucesso", disse.

CPI da Covid

Lula e a ministra da Saúde, Nísia Trindade — também presente à reinauguração —, lembraram as irregularidades apontadas na CPI da Covid sobre o hospital, que teve forte influência política no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro.

"Não é dia de inauguração de nada. O dia de hoje é da

Ricardo Stuckert / PR



Presidente Lula reinaugurou a emergência do Hospital de Bonsucesso, no Rio de Janeiro

Ingerência de políticos

O Plano de Reestruturação dos Hospitais Federais, que incluiu as seis unidades do tipo no Rio, modifica o modelo de gestão e discute a municipalização de alguns hospitais, numa tentativa de reduzir a dinâmica de ingerência de políticos locais na governança dessa parte do sistema de saúde.

recuperação da decência que o povo do Rio sempre mereceu e, muitas vezes, as pessoas se esqueceram de garantir essa decência", frisou Lula. "Não podemos permitir que política, seja deputado, senador, governador, mande no hospital. Quem tem de mandar são os especialistas da saúde. Isso não

é comitê eleitoral de ninguém. Quem quiser voto, vá para a rua pedir. Aqui, as pessoas vêm para serem atendidas com respeito, para trabalhar, e o trabalho tem que ser dignificado com o bom tratamento que as pessoas merecem", acrescentou.

O governo federal instaurou, no ano passado, o Plano de

Reestruturação dos Hospitais Federais, para tentar conter a crise nas unidades de saúde, que estavam sem equipamentos, estruturas, funcionários e com diversas denúncias de corrupção.

"Nosso Plano de Reestruturação dos Hospitais Federais já deu certo. Tivemos que quebrar alguns ovos, mas abrimos

caminho. Esse hospital não só pegou fogo (em 2020), mas estava nas principais páginas da CPI da Covid porque, no governo anterior, toda situação, que já era precária, se agravou muito mais. Pegamos um hospital abandonado, deteriorado, com servidores desmotivados", destacou Nísia Trindade. (MS)